

In Revista EM TEMPO DE HISTÓRIAS, vol 1, número 2 / 1996. Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em História.

PAPEL DOS ÍNDIOS, PALAVRA DE EUROPEU, IMAGENS DE HISTORIADORES

Gerson G. Ledezma Meneses

O predio da Pós-Graduação em História da UnB não é um dos melhores, as estruturas estão muito velhas, na época de inverno a água corre por todos os cantos do predio e da Pós. Além disso o edifício fica no meio da terra vermelha que com as chuvas se converte em um barro, então a sujeira se espalha por todas as partes. Ninguém que não faça parte da Pós-Graduação em História acreditaria que lá em um canto escuro, entre garrafas de água e documentos que já ninguém olha se encontra uma grande riqueza, eu diria um tesouro. Num armário cor obscura, parece da época colonial, sem atrativo nenhum se encontra um mundo: a Europa, a Ásia, a África, a América Hispana e grande parte do Brasil. Um mundo rico em sonhos, em imaginários, em guerras, economias diversas, culturas, relações entre países distintos, e afanes do homem por construir uma melhor sociedade, e nessa afã, às vezes o que tem conseguido é as destruições, as instabilidades e brigas assombrosas. Um mundo que quando você abre as portas daquele velho armário fala e vive através da História, ou seja, todo um arsenal de trabalhos realizados durante 20 anos de pesquisa, de esforço e dedicação (100 obras). Teses de Mestrado sempre à espera de pesquisadores e estudiosos da História que olhem para elas e as consultem, para que o ofício dos estudantes e professores desta Pós-Graduação se divulgue. Atendendo a este chamado que fez a Revista *Em Tempo de Histórias*, eu abri esse baú da felicidade, e levado pelos meus conhecimentos em História Andina e o período colonial hispano-americano, me encontrei com um título muito sugestivo: *A História Salgada: Imagem de Índio, Palavra de Europeu*.

Inserindo-se no período colonial, Elizabeth Salgado de Souza na sua tese de mestrado, **A História Salgada, Imagem de Índio, Palavra de Europeu**, apresentada ao programa de Pós-Graduação em História da UnB, maio, 1995, tenta abordar as imagens construídas do índio pelos europeus, através do olhar dos viajantes no século XVI. A proposta é desenvolvida em três capítulos: No primeiro aborda os objetivos das conquistas e colonização americana, os imaginários dos europeus concebidos durante a Idade Média, e a forma como vão reelaborando ditas imagens de acordo com o que acham no Novo Mundo. Desta maneira mexe então com as fontes que se vão construindo, as crônicas, os relatórios, as leis das Coroas européias, entre outras. Finalmente o papel da História e por conseguinte dos historiadores e da História Oficial, no que tem a ver com o esquecimento do índio e

seu papel na formação do Brasil. No segundo capítulo a autora analisa as imagens dos viajantes, as surpresas que eles tiveram quando encontraram que os índios não eram como os europeus: preguiçosos, andam nus, não trabalham, não têm-se organizado social e politicamente como os europeus, guerream entre si mesmos, não têm lei, Deus nem rei, e o mais horrível: são caníbares. A autora, em princípio faz generalizações para ir se inserindo no objeto de estudo que é os índios Aimorés. Na última parte da sua dissertação, Salgado de Sousa, estuda os objetivos mercantilistas dos portugueses, os quais através do cristianismo, e aproveitando as imagens de antropofagia, submetem aos indígenas. Estes são divididos entre índios amigos e índios inimigos. As imagens dos indígenas ajudaram a reforçar no imaginário dos europeus o conceito de inferno e paraíso. E conclue afirmando, entre outras coisas, que: “Entre a realidade européia e o novo mundo há um vazio, uma lacuna que o imaginário irá preencher” (p. 100).

Sem dúvida que os méritos deste trabalho estão no feito que, embora a Universidade de Brasília fique muito distante dos arquivos que têm a sua disposição as fontes da história colonial, a autora se atreveu a mexer com o presente tema. Também, abordar este tipo de trabalhos desde o ponto de vista dos imaginários merece ser ressaltado, a pesar de que traga dificuldades como as evidenciadas ao longo do texto, e finalmente, outro dos méritos está em haver tentado estudar os indígenas brasileiros, já não de maneira geral, senão de forma regional, como é o caso dos Aimorés.

De todas as maneiras, se fez notório que tentar estudar o imaginário baseado só no texto teórico e metodológico de Le Goff, *L'imaginaire médiéval* trouxe problemas, pois ao ter por referência só uma definição do tema, é lógico que a análise ficara muito curta, não estabelecendo um constante diálogo entre o imaginário europeu medieval e as novas visões dos viajantes. Não ficou claro qual foi a realidade que fez possível construir o novo imaginário, pois a autora se ateve só as descrições que trazem as crônicas, e não tentou prestar atenção e analisar até que ponto as falas dos viajantes são imagens o realidades quasi absolutas (o imaginário cria realidades vivenciadas e ao mesmo tempo, efetua leituras do social, que passam a ser matéria prima da produção imagética”)¹. De aí a importância de estudar o imaginário e a realidade social circunscripta à época abordada. A autora acha que o esquecimento do indígena tem a ver com que os historiadores não têm estudado as massacres, etnocídios dos índios, e o papel deles na história do Brasil. Eu pergunto: por acaso eso ajudaria a desconstruir a imagem que nós temos do indígena pobre, sem Deus e sem lei, e que muito ajudaram a criar Bartolomé de las Casas e outros?.

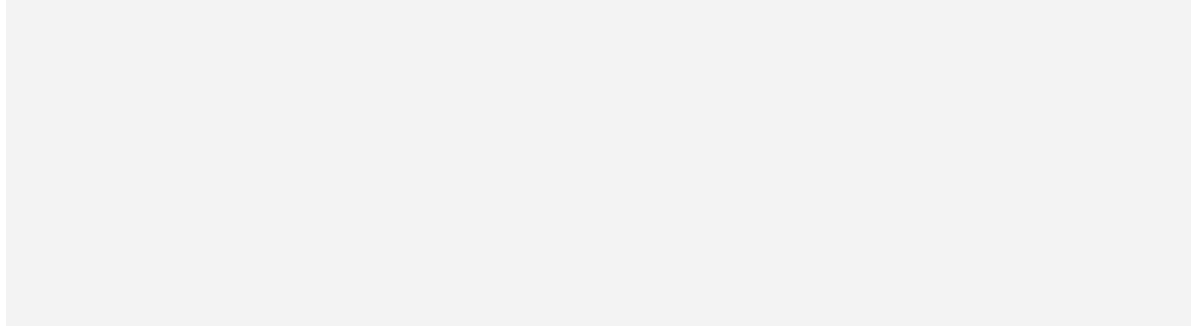
O problema está e continua estando em que como historiadores preferimos ver e estudar as imagens do índio maltratado, explorado, etc., e o europeu como aquele que domina através das imagens, os símbolos, as palavras, a escrita... “Terras e homens americanos são objeto de posse e sobre eles os senhores de velho mundo exercerão poder e criarão mecanismos legais para submete-los aos designios de Deus e dos reis” (p. 76). Até o momento são poucos os historiadores que têm analisado com profundidade os relatos e as crônicas que falam do canibal, do preguiçoso, do guerreiro, para não acreditar, como faz Salgado de Souza, que essas são tão só imagens construídas pelos europeus e não a realidade. O historiador-----, faz um chamado para abordar aquelas imagens e ver aí ao índio resistindo. Eu diria que a imagem do canibal se fez ainda mais notória quando o europeu se indignou com ela, então o índio aproveitou para projeta-la com mais força, e assim fazer com que o português ou o espanhol fugisse deles espantado.

T’zvetan Todorov acha que quem se aproveitaram dos índios por eles dominar a escrita e as imagens foram os europeus, e nesse sentido o índio fica como um bobo diante do “branco”, e este é um problema ao abordar o estudo colonial só desde as perspectivas das fontes europeias. Chamado que faz a autora: “As imagens construídas contribuíram para o esquecimento do índio no contexto histórico das Américas, sendo-lhes atribuído um papel secundário nos acontecimentos do Novo Mundo. Vencido pelos conquistadores, ao índio são atribuídos os males de origem e sua participação fica restrita aos fatos que corroboram os feitos dos colonizadores. A visão dos vencidos (Nathan Watchel), uma investigação pautada na busca da interpretação que o índio tem do colonizador, é uma proposta recente e encontra dificuldade para ser levada a efeito, pois, durante quinhentos anos, o índio teve a sua voz silenciada. O que sabemos sobre o índio o sabemos através da visão do vencedor” (p. 31). Embora o trabalho de Watchel continue perpetuando a imagem do vencido, a autora esquece que este é um dos livros pioneiros a nível da América Hispana (versão em espanhol, 1975) que tenta estudar os índios do Peru desde a sua própria perspectiva. O autor faz pesquisa usando a história oral, as músicas e folclore em geral. Além das fontes escritas por mestiços, ainda impregnados em boa parte do sentir indígena pre-colombiano, como Felipe Guaman Poma de Ayala e a sua *Coronica y Buen Gobierno* do século XVII.

Pena que a autora acredite que o papel do indígena na história social, política e económica da América Latina ainda não foi estudado, pelo menos para América Hispana, acho que também para o Brasil, tem sido estudado desde a década dos setenta em diante. Trabalhos como os de German Colmenares, Jaime Jaramillo Uribe, Zamira Diaz Lopez etc., dão conta do papel do índio na economia

colonial colombiana. O livro de Enrique Florescano, *Memoria Mexicana*, baseado em grande parte nas crônicas de Bernardino de Sahagún dão fé do mundo maravilhoso dos aztecas na época precolombiana. Para o caso do Peru, Esteve Stern, ao início da década dos oitenta, estudou os índios de Huamanga do século XVI e XVII como aquelas comunidades indígenas que não só resistiram aos espanhóis senão que negociaram e fizeram um pacto para poder echar andar o sistema colonial. Sobre resistência também são importantes os livros de Manuel Burga (Universidad de San Marcos, Lima) e Olinda Celestino, esta trabalha a Cofradía Colonial no Peru, entre outros muitos. Parece que a autora seguiu muito de perto o estudo de Todorov como base metodológica, o que acabou restando força a sua análise. Termina repetendo as mesmas coisas já tantas vezes estudadas por muitos autores: canibalismo, preguiça, idolatria, sometimento dos índios pelos europeus, a imagem do índio bom que depois se transforma em mau etc.,. A autora deste trabalho ao igual que todos os que trabalham a descobrimento de América, conquista e colônia ao analisar as Coroas européias como as donas de uma *racionalidade econômica*, no méio da acumulação primária e despertar capitalista, despojam às mentes das elites de qualquer sensibilidade, da sua moral; como si ser católico ou cristão é apenas um modismo, e esquecem o papel da Igreja na inculcação de valores que o ser humano não consegue aparta-los da sua cabeça tão facilmente. No campo historiográfico estos governantes aparecem como criadores de mecanismos para conquistar, submeter, explorar, matar, massacrar. O papel dos missionários na América se reduz à escravidão; até os Jesuitas, os quais “construíram os processos de redução e de escravização indígena, contribuindo para a sua destribalização e para a aceleração do etnocídio” (Salgado p. 90).

Neste sentido, em tanto os historiadores sigamos dando às elites o lugar dos maus, estos continuarão sendo os poderosos, e na contraparte estarão os bons, ou seja os débiles, sempre à defensiva. Em tanto que os poderosos sejam os manipuladores, a visão que se terá sobre o bom sera a de o explorado. Se o indígena é sempre o bom, ele cumprirá o papel de oprimido. Mas quando nos decidamos a acreditar que as elites não são tão más e os “outros” tão bons então nossas tendências historiográficas tomarão rumos distintos. É verdade que hoje existem trabalhos como os já anotados (Stern, Burga, Celestino, Watchel), e outros como *A Invenção do Cotidiano* de Michel de Certeau, que tentam ver ao “fraco” como aquele que resiste ante o “poderoso”, mas essa resistência não ganha muito terreno (Certeau, 1994, 100) se o historiador sobre dimensionar o poder das elites “manipuladoras”. Tarefa difícil mas não impossível, e que seria um campo rico para a História das Mentalidades.



¹ In: Swain, Tania Navarro. “O Imaginário e a História... Em Quadrinhos”. Comunicação apresentada no Simpósio “História Oral e Imaginário” na UFRN em novembro de 1994.